

# O riso na boca do samba<sup>1</sup>

Ricardo Azevedo

O lado cômico da vida, o riso gostoso, alegre e jocoso, o tom de galhofa, escárnio, gozação e brincadeira, assim como inúmeras palavras e expressões tais como “bagunça”, “esculacho”, “escracho”, “confa”, “casa de maria-joana”, “casa da sogra”, “baderna”, “zona”, “mafuá”, “fuzuê”, “banzé”, “balaio de gatos” e “bafafá”, entre muitas outras, podem ser associadas com naturalidade ao discurso popular. A abordagem jocosa e não séria e o popular andam muitas vezes lado a lado.

Um *modelo de consciência* que pressuponha a valorização do indivíduo único, autônomo e livre, o pensamento teórico, analítico e escolarizado, disseminado em grande escala pelo sistema cultural dominante, ao que tudo indica, tende a ser “sério” e a afastar-se dos aspectos cômicos e gozosos da vida.

Em seu ensaio sobre o significado do cômico, o filósofo Henri Bergson associa o riso ao coletivo. Diz ele que “se nos sentíssemos isolados, seríamos privados do cômico. Dir-se-ia que o riso tem necessidade dum eco”<sup>2</sup>, e esse eco, convenhamos, surge não só na relação com o Outro como da existência de valores compartilhados ou, nas ricas palavras de Richard Sennett, de um “fundo comum de signos públicos” entre as pessoas.

Bergson sugere a existência de uma “lógica da imaginação que não é a lógica da razão”. A filosofia precisaria contar com ela para meditar sobre o cômico. “É qualquer coisa como a lógica do sonho, mas dum sonho que não fosse abandonado aos caprichos da fantasia individual, um sonho sonhado pela sociedade inteira.”<sup>3</sup>

Bergson menciona ainda o caráter de reversibilidade do cômico. Segundo ele, a reversibilidade<sup>4</sup> não pode ser considerada “séria” se comparada à irreversibilidade dos axiomas e das leis fixadas pela escrita.

Nada mais próximo do popular, como se vê, se pensarmos na cultura oral, sua inerente mutabilidade e labilidade.

---

<sup>1</sup> Extraído com pequenas modificações do livro Ricardo Azevedo. *Abençoado e danado do samba – Um estudo sobre o discurso popular*, Edusp, 2013, pp. 708-720.

<sup>2</sup> Henri Bergson. *O riso – Ensaio sobre o significado do cômico*, Guimarães Editores, 1993, p.19.

<sup>3</sup> *Idem*, p.40.

<sup>4</sup> *Idem*, p.66.

No geral, as ideias de Henri Bergson sobre o riso podem ser importantes e esclarecedoras. O filósofo, porém, situa o riso como reflexo de certo estado humano primitivo. Em sua visão, numa sociedade ideal, madura, sábia, consciente e equilibrada o riso não teria mais lugar nem sentido. Tomara que Bergson esteja errado. O que impede associar o sublime e o riso prazeroso e relacional a não ser teorias abstratas, “sérias” e idealizadas sobre o homem?

Vejamos alguns depoimentos populares:

*Minha alegria vem propriamente de mim. Comigo não tem tristeza, meu amor. Eu gosto de brincar. Eu brinco totalmente à vontade; é vontade. É vontade mesmo. Quando eu tô com vontade, eu mesmo mando bater, eu mesmo canto, eu mesmo danço. Aí mando encerrar, e tudo bem: eu me divirto. Eu me alegro. Tristeza não paga dívida. A alegria leva tudo* (Dona Elza do Carço).

*Que gostoso é o candomblé! Mesmo se você não tem nada a ver com a religião, quando escuta os tambores não tem jeito; começa a balançar os ombros, a cabeça. Daqui a pouco você já está balançando o corpo todo, a alma toda* (filha de santo do Ilê Iya Omi Axé Iyamassê).

*A minha vivência é metida no meio dos meus companheiros e brincando toda vida, toda vida. Nunca senti tristeza na minha vida. Não adianta o freguês ficar triste.*

*Porque se ele ficar triste ele morre, se não ficar triste ele morre também* (Seu Antônio – Rio Grande do Sul)<sup>5</sup>.

Tais depoimentos podem ser complementados por este, recolhido em Minas Gerais:

*A vida da gente é que nem um jogo. Perdê a gente perde às vêz. Mas ganha também. A morte – meu pai é que falava assim – é o jogo derradeiro. Na hora que ela leva nós, parece que ela ganhô. Mas quando a alma ganha o céu, o inferno é que perde*<sup>6</sup>.

Segundo Hermano Vianna:

“Brincadeira: esse é o nome usado pela maioria dos brasileiros para se referir aos folguedos, folias, autos e festas. Há muita brincadeira no Brasil. Pode-se falar até num ‘espaço da brincadeira brasileira’ paralelo à vida real. Quem festeja encontra uma maneira de penetrar nesse espaço virtual. Dentro dele, tudo é possível.”<sup>7</sup>.

Mikhail Bakhtin comparou o riso popular e carnavalesco e o riso erudito e moderno. Segundo ele, aquele

---

<sup>5</sup> Hermano Vianna e Ernesto Baldan, *Música do Brasil*, Editora Abril, 2000. O livro não tem numeração de página.

<sup>6</sup> Núbia P.M. Gomes e Edmilson Pereira, *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*. Mazza Edições, 1992, p.93.

<sup>7</sup> Hermano Vianna e Ernesto Baldan, *op. cit.*

“é em primeiro lugar patrimônio *do povo* [...]; todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar é *universal*, atinge todas as coisas e pessoas [...], o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.”<sup>8</sup>.

O autor russo chama este riso de *festivo, liberador e regenerador*, ligado ao folclore primitivo e ao processo circular da fecundação, da fertilidade, do nascimento de uma nova vida, do crescimento, do apodrecimento (daí o grotesco) e da morte, “um riso que engloba verdadeiramente o mundo inteiro, que brinca com todas as coisas, pequenas ou grandes, distantes ou próximas”<sup>9</sup>.

Basta examinar nossas vidas particulares para confirmar a existência desse riso que surge espontaneamente por vezes entre pessoas que não se conhecem.

Já o riso erudito e moderno, chamado por Bakhtin de riso *irônico*, afastado dos laços folclóricos e populares e ligado ao racionalismo e à crítica “objetiva” e até funcionalista da realidade, é baseado num humor particular relativo à vida interior (individual) e negativo pois transforma-se num riso satírico, de condenação moral, amargo, exato, cético e sarcástico, por vezes niilista e destrutivo. Ele deixa de ser utópico e “destrói a integridade do aspecto cômico do mundo.”<sup>10</sup>.

Trata-se portanto, paradoxalmente, de um “riso sério”.

Bakhtin ressalta o tom compenetrado, retórico, trágico, rigoroso e científico.<sup>11</sup>. Segundo ele, “[o] tom sério afirmou-se como a única forma que permitia expressar a verdade, o bem, e de maneira geral tudo que era importante, considerável.”<sup>12</sup>. Na Idade Média, os representantes do conhecimento oficial, clérigos, magistrados, sábios e professores, eram chamados de *agelastos*, aqueles que não sabiam nem queriam rir.

O riso, ao que tudo indica, parece ter muito mais identificação com a pessoa relacional, com a intimidade, com a vida em grupo, com a familiaridade entre as pessoas, e com os assuntos compartilháveis, de interesse geral e do senso comum, assim como com procedimentos intuitivos, improvisados e espontâneos, ou seja, *não diferenciados*<sup>13</sup>. Além disso, e por tudo isso, o riso humano é assunto dificilmente

---

<sup>8</sup> Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª ed Hucitec, 1993a, p. 10.

<sup>9</sup> Mikhail Bakhtin, *Questões de literatura e de estética*. 3ª ed., Unesp., 1993b, p. 343.

<sup>10</sup> Mikhail Bakhtin, *op. cit.*, 1993a, p. 11.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 104.

<sup>12</sup> *Idem*, p.185.

<sup>13</sup> Cf. Anton Ehrenzweig. *A Ordem Oculta da Arte*, Zahar, 1969.

sujeito a teorias e análises gerais.

Como conclui Verena Alberti, após estudar inúmeras teorias do riso,

“[o] mistério do riso propositadamente se mantém: o riso não é efeito de uma paixão, não tem um princípio físico ou moral e deve continuar incógnito. Os pensamentos modernos sobre o riso, aqueles que o “significam”, falam, pois, da necessidade de concordância entre o homem e o *impensado* [o “indizível” visto tantas vezes nos estudos sobre poesia] e não mais do riso como fenômeno que precisa de explicação.”<sup>14</sup>.

Talvez por tudo isso, nas letras da moderna música popular brasileira, fruto de um modelo de consciência impregnado pela modernidade, pelo individualismo e pela explicação escolarizada, técnica e séria, o riso e o cômico sejam tão raros.

Por outro lado, por razões opostas, o tema surge com força extraordinária nas letras de samba.

Poderia até dizer que a maioria das letras de samba, mesmo as que abordam as desilusões amorosas, as desgraças, a pobreza, o envelhecimento e a morte, tem como pressuposto, pelo menos, uma pontinha de humor.

Algumas trazem o riso e os aspectos cômicos e grotescos de forma escancarada, despudorada e gostosa. Passo a dar alguns exemplos.

Começo com “Acertei no Milhar”, de Geraldo Pereira<sup>15</sup> e Wilson Batista, samba gravado em 1940. A voz que canta, ao ganhar na loteria, planeja uma nova lua de mel, troca a mobília da casa, e continua cheia de graça, alegria e humor:

[...]

Etelvina  
Vai ter outra lua de mel  
Você vai ser madame  
Vai morar num Grande Hotel  
Eu vou comprar um nome não sei onde  
Vou ser Barão Rodrigues de Visconde  
Um professor de francês mon amour  
Eu vou mudar seu nome  
Pra Madame Pompadour

E diz que finalmente vai poder ser feliz, vai percorrer a Europa e ir a Paris e colocar seus filhos num colégio interno. Pede à mulher que ligue para o Mané do armazém e pague as contas atrasadas “porque não quero ficar devendo nada a

---

<sup>14</sup> Verena Alberti, *O Riso e o Risível na História do Pensamento*, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 206.

<sup>15</sup> Segundo Bruno Gomes, o samba foi composto apenas por Wilson Batista (cf. Bruno F. Gomes, *Wilson Batista e Sua Época*, Funarte, 1985). Essas dúvidas surgem aqui e ali e fazem parte de um modelo menos individualista que, entre outras coisas, não valoriza a “autoria” tanto assim.

ninguém”. Além disso, pretende comprar um avião azul para passear pela América do Sul. Mas surpreendentemente conclui:

Mas de repente, mas de repente  
Etelvina me chamou  
“Está na hora do batente”  
Mas de repente, mas de repente  
Etelvina me acordou  
Foi um sonho, minha gente [...] <sup>16</sup>

“A Semente”, de Walmir da Purificação, Tião Miranda, Roxinho e Felipão fala de drogas com ironia e muito humor:

Meu vizinho jogou  
uma semente no seu quintal  
De repente brotou um tremendo matagal  
Quando alguém lhe perguntava  
Que mato é esse que eu nunca vi  
Ele só respondia: Não sei, não conheço  
Isso nasceu aí [...]  
Quando os federais grampearam  
E levaram o vizinho inocente  
Na delegacia ele disse:  
Doutor, não sou agricultor  
Desconheço a semente [...] <sup>17</sup> 3 1 1

“Barra Pesada”, de Dicro e José Paulo, faz piada da violência urbana:

— É o seguinte: esse é o retrato falado do Brasil. Tem que ter fê em Deus, que vai melhorar!

Vale a pena notar que alguns sambistas, como Dicro, Bezerra da Silva, Moreira da Silva e outros, costumam começar o samba com um texto falado situando o ouvinte. Esse procedimento remete aos primeiros discos gravados no começo do século e, por outro lado, reforça a ideia de que o pressuposto das letras de samba é a relação face a face, traço básico da transmissão oral.

No lugar onde moro  
Até ladrão tem medo de ir  
Êta lugar perigoso!  
Igual aquele, eu nunca vi  
[...]  
E na semana passada  
Veja o que me aconteceu  
O dente do cara doeu  
Ele mandou arrancar o meu [...] <sup>18</sup>

“Cabide de Emprego”, de Dicro e Chico Anísio, defende uma “tese”: se não fosse o crime, juízes, advogados, polícias e carcereiros seriam desempregados e morreriam de fome:

Porque um preso dá vários empregos  
Você pode acreditar

<sup>16</sup> Moreira da Silva, *Geraldo Pereira, Sambista Maior*, Revivendo, s.d., gravação de 1940.

<sup>17</sup> Bezerra da Silva, *Bezerra da Silva*, cd duplo, cd2, RCA, 2001.

<sup>18</sup> Dicro, *Moreira da Silva e Dicro*, Coleção Novo Millenium, Universal Music, 2005, gravado em 2002.

É um polícia pra prender  
Um delegado pra autuar  
Um promotor pra fazer a caveira  
Um juiz pra condenar  
Um carcereiro pra tomar conta  
E um advogado pra soltar [...] <sup>19</sup>

Vejamos o tom original e pseudocientífico de “Coração”, de Noel Rosa, sambista que andou estudando medicina. Note-se a brincadeira com o discurso técnico, didático e explicativo:

Coração grande órgão propulsor  
Distribuidor de sangue Venoso e arterial  
Coração não és sentimental  
Mas entretanto dizem  
Que és cofre da paixão  
Coração, não estás do lado esquerdo  
Nem tampouco do direito  
Ficas no centro do peito  
– Eis a verdade  
Tu és pro bem-estar do nosso povo  
O que a Casa de Correção  
É para o bem da humanidade  
Coração de sambista brasileiro  
Quando bate no pulmão  
Faz a batida do pandeiro  
Eu afirmo sem nenhuma pretensão  
Que a paixão faz dor no crânio  
Mas não ataca o coração [...] <sup>20</sup>

“Couro do Falecido”, de Jorge de Castro e Monsueto Menezes, fala do falecimento de um cabrito – provavelmente roubado –, uma espécie de louvação a um mártir do samba:

Um minuto de silêncio  
Para o cabrito que morreu  
Se hoje a gente samba  
É que o couro ele nos deu [...] <sup>21</sup>

O trocadilho de “Dá Bom-dia”, de Dicro, Edson Show e Bebeto de São João, resvala no puro mau gosto, recurso possível e aceitável no discurso popular:

Dá bom-dia pra eu  
Dá meu bem  
Afinal de contas  
Também mereço um bom-dia seu  
Você não quer me dar bom-dia  
Sinto um desgosto profundo  
No entanto você dá, você dá  
Bom-dia pra todo mundo [...] <sup>22</sup>

O delicioso e antológico “E o Mundo Não se Acabou”, de Assis Valente, é

---

<sup>19</sup> Dicro, *Moreira da Silva e Dicro*, Coleção Novo Millennium, Universal Music, 2005, gravado em 2002.

<sup>20</sup> Noel Rosa, *Noel por Noel*, EMI/Odeon, 2003.

<sup>21</sup> Monsueto, *Monsueto*, Coleção Raízes do Samba, emi, 2000, gravado em 1962.

<sup>22</sup> Dicro, Warner Music Brasil, Warner 30 Anos, 2006.

sem dúvida um grande clássico do samba:

Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar  
Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar  
E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada  
Por causa disso nessa noite lá no morro não se fez batucada

Diz a voz que canta que acreditou “nessa conversa mole” e foi tratando de aproveitar, beijou na boca de quem não devia, pegou na mão de quem não conhecia e conclui:

Dancei um samba em traje de maiô  
E o tal do mundo não se acabou [...] <sup>23</sup>

O samba “Funeral do Ricardão”, de Crioulo Doido e Ari, descreve e caçoa de um certo velório:

Fecharam o paletó do Ricardão  
E no velório foi a maior confusão  
No enterro saiu xingamento e até palavrão  
Por causa de um monte de mulher amada  
Querendo pegar na alça do caixão  
[...]  
Na hora da despedida  
As mulheres queriam uma recordação  
Levaram a calça, a camisa e a cueca  
Tiraram um pedaço do pau do caixão [...] <sup>24</sup>

“Gago Apaixonado”, de Noel Rosa, é um samba bem-humorado, embora um pouco cruel:

Mu...mu...lher  
Em mim fi...fizeste um estrago  
Eu de nervoso  
Estou...tou...fi...ficando gago  
Não po...posso  
Com a cru...crueldade  
Da saudade que...que mal...maldade  
Vi...vivo sem afago [...] <sup>25</sup>

O samba “Leão de Coleira”, de Eusébio do Nascimento e Velha, descreve uma casa onde quem manda é a mulher:

Ao romper da madrugada  
Na capela bate o sino  
Em casa que mulher manda  
Até o galo canta fino  
[...]  
O homem quando acorda  
Faz a cama, limpa o pó,  
arruma a casa e lava a roupa  
Enquanto ela vai na costureira

---

<sup>23</sup> Marlene, *Marlene, Meu Bem*, Revivendo, s.d., gravação de 1956.

<sup>24</sup> Dicró, *Dicró*, Warner Music Brasil, Warner 30 Anos, 2006.

<sup>25</sup> Noel Rosa, *Songbook Noel*, Lumiar Discos, 1991.

Ele cuida das crianças e à noite dorme de touca [...] <sup>26</sup>

O amor é visto como um santo remédio no risonho “Obrigado, Doutor”, de Antonio Nássara e Roberto Martins:

Obrigado, doutor  
Minha vida eu devo ao senhor  
Ao senhor por me haver receitado  
Muito vinho, dinheiro e amor  
Minha vida hoje em dia tem mais sabor  
Obrigado, obrigado, doutor [...] <sup>27</sup>

Já “O Feijão da Dona Neném”, de Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz, mistura comida, trabalho e humor. A voz que canta foi convidada para uma feijoada mas...

Entre a canja e o tira-gosto  
Era mês de agosto  
Lembro muito bem [...]  
Pediram ajuda, me deram a bermuda  
A pá, a enxada e o carrinho de mão  
Onde se lia a mensagem:  
Primeiro a laje, depois o feijão [...] <sup>28</sup>

Dicró, sem dúvida, é um humorista do samba. Eis “O Sogro”, dele e Ponga:

Minha sogra morreu  
Meu sofrimento foi em dobro  
Agora tenho que aturar  
O cachaceiro do meu sogro [...] <sup>29</sup>

“Plantação”, de Edson Show e Adelsonilton, fala de uma certa horta:

Veio até cientista  
Lá das plantas do Japão  
Pra desvendar o mistério  
Que tem nessa plantação  
Até um burro faminto Entrou na horta do Zé  
Só comeu algumas folhas E saiu trocando pé  
[...]  
Vem gente de todo o canto  
Até parece romaria  
Já apelidaram a horta  
De ilha da fantasia [...] <sup>30</sup>

A voz de “Pombo-correio”, de Sarabanda, conta que:

Eu mandei o meu pombo-correio  
Levar um bilhete pra ela  
Ao invés de mandar resposta  
Botou meu pombo na panela [...] <sup>31</sup>

Segundo o samba “Saco Cheio”, de D. Fia e Marcos Antônio, vejamos quem

<sup>26</sup> Partido em 5, *Partido em 5*, Coleção Raízes do Samba, EMI, 1998, gravado em 1996.

<sup>27</sup> Sílvio Caldas, *Os Grandes Sambas da História*, vol. 20, bmg Brasil, 1997, gravado em 1950

<sup>28</sup> Zeca Pagodinho, *Zeca Pagodinho*, Coleção Acervo Especial, bmg/rca, 1994.

<sup>29</sup> Dicró, *Dicró*, Warner Music Brasil, Warner 30 anos, 2006.

<sup>30</sup> *Os Grandes Sambas da História*, vol. 32, BMG Brasil/Ed. Globo, 1997 (40 vols.).

<sup>31</sup> Partido em 5, *Partido em 5*, Coleção Raízes do Samba, EMI, 1998, gravado em 1996.



perde a paciência:

Os habitantes da Terra estão abusando  
Ao nosso supremo divino sobrecarregando  
[...]  
Tudo que se faz na Terra  
Se coloca Deus no meio  
Deus já deve estar de saco cheio [...] <sup>32</sup>

Concluo com dois sambas de Adoniran Barbosa.

“Tiro ao Álvaro”, composto com Osvaldo Moles, é cheio de humor, imagens e brincadeiras com as palavras:

De tanto levar  
Frechada do teu olhar  
Meu peito até  
Parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao “Álvaro”  
Não tem mais onde furar [...] <sup>33</sup>

A narrativa de “Um Samba no Bexiga” traz a descrição bem-humorada de uma festa popular. O bairro do Bexiga é um reduto da colônia italiana paulista:

Um domingo nós fumo  
Num samba no Bexiga  
Na rua Major  
Na casa do Nicola  
A mezza notte o'clock  
Saiu uma baita de uma briga  
Era só pizza que voava  
Junto com as brachola  
Nóis era estranho no lugar  
E não quisemo se meter  
Não fumo lá pra brigá  
Nóis fumo lá pra comê  
Na hora h se enfiemo  
Debaixo da mesa  
Fiquemo ali de beleza  
Vendo o Nicola brigá [...] <sup>34</sup>

O riso brincante, alegre, transgressor, esculhambado, gostoso, iconoclasta, regenerador e festivo quase sempre supõe a identificação, a comunhão entre todas as pessoas, a familiaridade, o compreender juntamente com outros a mesma piada ou situação engraçada, o sentimento espontâneo, o trocar olhares e sorrisos. O riso religa a coletividade, é dialógico e interacional e costuma ser alimentado pela alegria do Outro. Aliás, o riso popular não teria sentido sem a alegria do Outro. Embora eventualmente ocorra, o riso solitário tende a ser mais sério, mais contido e muito menos durador. Não é a mesma coisa rir sozinho e rir em companhia de outras

---

<sup>32</sup> *Almir Guineto Gold*, Universal Music, 2002.

<sup>33</sup> *Adoniran Barbosa*, Série Reviva, Som Livre, 2002.

<sup>34</sup> *Adoniran Barbosa*, *A Música Brasileira deste Século por Seus Autores e Intérpretes*, Sesc-sp, s.d.

pessoas, mesmo que essas sejam desconhecidas.

O tema do riso, em todo o caso, desaparece no discurso da moderna música popular brasileira ou surge na forma do “riso sério” prenhe de sarcasmo e crítica.

Termino o artigo com a pergunta de Horácio, citada por Bakhtin: “O que impede que aquele que ri diga a verdade?”<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Mikhail Bakhtin, *op. cit.*, 1993a, p. 86.